

Monumento da Batalha do Bussaco

PROPRIETÁRIO E DIRECTOR
Joaquim Antonio Pereira Villela.

ADMINISTRADOR E EDITOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Numero avulso, 100 rs.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91

BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 4\$800
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 rs.
Estrangeiro — Um anno, 5\$400.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clero d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pajavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcepreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

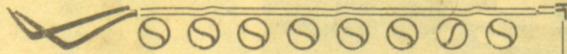
Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clero residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na Officina de S. José, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

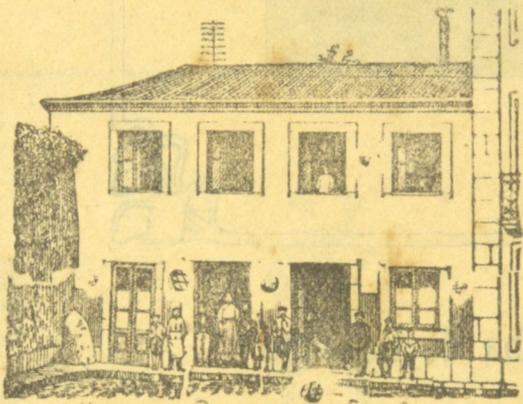
Este, concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.



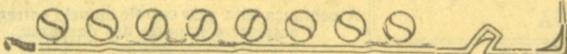
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Gasa do Cañinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditedo n'este genero



Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos para o curso dos Lyceus, Commercial, e Instrucção Primaria.

Colégio Académico

GUIMARAES

Campo da Misericórdia

A casa de educação e ensino mais
antiga desta cidade
Bons resultados nos exames e sólida
educação são o seu réclame.

Pedidos aos directores

Dr. Alfredo Peixoto

Luiz Gonzaga Pereira

P.º José Maria dos Santos

Photographia Aliança

44, Praça de Alexandre Herculano, 45

BRAGA



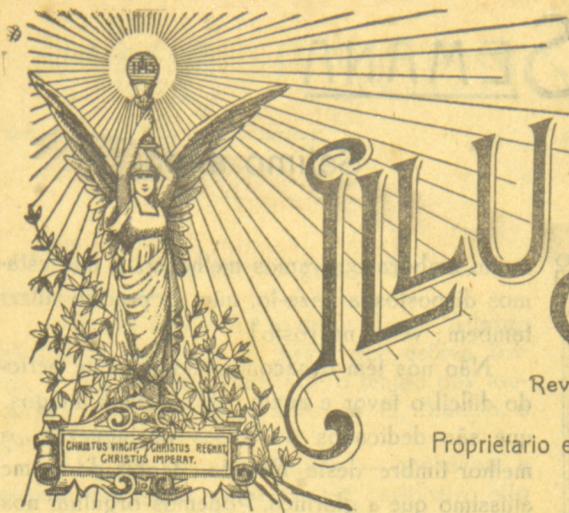


ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario e Director — JOAQUIM A. PEREIRA VILLELA

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto

Braga, 16 de Agosto de 1919

Redacção, Administração e Typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 304 — Anno VII



Mons. Achilles Locatelli, Arcebispo de Thessalonica,
Nuncio Apostolico em Portugal.



CRHONICA DA SEMANA

Setimo anno.

COM o presente numero da *Illustração Catholica* chegamos a dobrar o cabo do 7.^o anniversario, feito grandioso, quasi tão admiravel como passar o Bojador ou o Tormentoso. Este, especialmente, que, como a nuvem temerosa cantada por Camões, ergueu-se deante da nossa caravella, o phantasma horrido da guerra, ameaçando de morte a nossa empreza. Dificuldades de toda a ordem tem sido as em que nos debatemos; e o seu simples registo equivale a um rosario de desditas: — impossibilidade de obter os finos papeis de impressão luxuosa; dificuldade de obter zinco para as gravuras; dificuldade de conseguir tintas proprias para a finura da execução graphica; preços elevadissimos de materias primas, mesmo as de qualidade secundaria... tudo isso, e muitas outras circumstancias não desconhecidas do leitor, foram para esta *Illustração Catholica* outras tantas ameaças de sobrar.

Temos esperanza. *Have hope!* E' o lemma que ha muito bradamos á nossa alma, quando nos arrebatá o infortunio, e nos crucia com o abandono, o desmorronar de illusões que acalentamos ao seio. Cabo da Boa Esperança é hoje ainda o que os nossos navegadores chamaram tormentoso, desde que o chrismoú assim o Principe Perfeito, antevendo no marulhar que lhe arrendava de espuma o promontorio, feliz aproar á India. Assim nós, Libertando-nos do pesadello criado pela guerra, dentro em pouco reassumiremos o notavel esplendor do primeiro anno desta publicação, — e as reformações feitas neste numero podem considerar-se desse reatar de tradições a mais segura indicação, a melhor promessa. *Have hope!*

Do que a *Illustração Catholica* projecta ainda ser, não diremos: conhecida dos leitores a sua orientação elegante, e bom gosto litterario, nada temos de que nos arrepende,

o muito embora queiramos melhorar. E que estamos dispostos a faze-lo, não é preciso dizer tambem: vê-se no rosto!

Não nos tem desacompanhado neste periodo difficil o favor e auxilio dos nossos amigos, que são dedicados ás coisas portuguezas, o melhor timbre desta Revista, depois do nome altissimo que a glorifica. Podemos orgulhar nos de em volta da *Illustração* se conjugarem sacrificios e dedicações notabilissimas; é que comprehendem esses a grande ideia que presidiu á sua formação e desenvolvimento: a orientação cristã da Arte. Ha outras publicações que, encarando Deus-verdade, se dedicam quasi só ao trabalho apologetico, á defesa doutrina. Outras, fitando Deus-bondade, esmalfam as suas paginas de affectos do coração, de suaves emoções.

Nós dedicamos especialmente o nosso espirito á consideração de Deus-belleza; vemo-lo nas obras de Suas mãos, nos traços immorredouros do seu aspecto, que espalhou pela natureza, e tambem nas obras das mãos do homem, nos mil primores de arte; quer seja no arrojado lanço de uma ponte metalica, quer no rendilhado marmoreo das joias architectonicas: na tosca escultura de uma Virgem de capellinha musgosa perdida entre o arvoredado, tanto como nas magnificientissimas galerias de arte de uma basilica cristã.

Elle enche toda a terra e a sua plenitude, é o maior personagem da historia e quando a objectiva fixa, domando a luz os successos do mundo, porque os reproduzamos, só illustra alguma página do seu amor ou da sua justiça tambem...

Continuaremos, pois, e agora muito regularmente o nosso labor: a esthetica ao serviço da moral poder-se-hia definir assim o nosso trabalho, que, como o auxiliem ainda nossos benevolos amigos não será improficuo.



UMA ASCENSÃO TRAGICA

(NOVELLA)

Do italiano.

— Uma ascensão sem guias? E' uma verdadeira loucura.

— E que tem isso? — disse Jorge Albrida levantando os olhos do jornal que estava lendo. — Não é porventura este o tempo das loucuras? E depois, sabes dizer-me tu, Bianchi, o que é ter juizo?

— Ah, lá isso é verdade! — approvou a pessoa que falara primeiro: um cavalheiro alto e magro que se embalava numa cadeira de balaço, fumando um cigarro. — Quem é que sa be hoje em dia o que é ter juizo? As ideias andem tão transformadas! Cada qual julga as cousas do seu ponto de vista.

— Muito bem — acrescentou Albrida. — Mas no fundo, ter juizo é um aborrecimento. Ter juizo quer dizer «fazer sempre as cousas após maduro pensar», depois de muito discutidas, de ter bem calculado as suas consequências, depois de se estar bem certo de que nada se arriscará.

Ora sem arriscar nada não poderemos alcançar nenhum prazer. Isto é certissimo. Os preguiçosos, que ficam em casa, não podem aspirar a outra delicia que não seja o dormir. Perigos, se alguns affrontam, é em sonho!

— Precisamente: e a vida que é, senão um sonho? — notou Lourenço Naldi, que escutára até ali em silencio, estiraçado do sofá.

— Se entrarmos no transcendental — replicou Albrida — estamos arranjados! O certo é que a ideia me agrada. Sempre cri, firmemente, que o homem deve ser o guia de si mesmo, na montanha como na planura, sobre as rochas como no labirinto de uma *selva selvaggia*. Dae a Dante um guia atravez da sua, e faltar-lhe ha a sensação mais forte, mais profunda.

E come quei che con lena affanata
Uscito fuor del pelago alla riva...

— E Virgilio? — perguntou Bianchi.

— Virgilio não é um «homem devêras»: é o proprio poeta, e nasce do desdobrar-se, por assim dizer, da sua consciencia. Cada um de nós tem em si o seu Virgilio e pode do mesmo modo emprehender uma viagem nas trevas, se lhe agrada.

— Albrida tem razão — confirmou ainda Naldi. — Eu vou tambem com vocês, Albrida. Querem-me lá? Em todo caso, dois sempre são precisos.

Albrida teve um imperceptivel instante de hesitação; depois disse, com um sorriso frio:

— Porque não? E' pena que se não esteja já só, quando estão dois.

— Sosinho, na montanha? — exclamou Bianchi — Isso seria horrivel.

— Seria simplesmente soberbo! — respondeu Albrida, tirando a palavra da bocca a Lourenço Maldi. Olhem: nós falamos de solidão e não a conhecemos. A nossa solidão é toda uma illusão subjectiva. A vida rodeia-nos por toda a parte, digam ou façam o que quiserem. Mas lá em cima! Ali ha verdadeiramente a divina solidão o divino silencio! Cumes inaccessiveis, abysmos a que nem o olhar pode descer. O candor das neves eternas, o azul do ceu. Quando a tempestade reina furiosa, o bramido do vento, o fragor do tórvão podem dar-nos a illusão d'uma phalange de gigantes invisiveis movendo-se em batalha contra nós, d'aquellas cumeadas a pique, d'aquelles macissos como torres altas e sombrias.

— Em sendo dois tambem se está só — insistiu Naldi. — Mais ainda. Sentimo-nos fracos, desarmados deante do perigo: d'ahi a suprema audacia em o arrostar e toda a delicia da victoria. Por outro lado, podemos encontrar-nos verdadeiramente sós d'um momento para outro. Um pé de vento, uma fenda, um nada basta para nos separar.

Calaram-se todos. Albrida tambem, como se fremito lhes houvesse n'aquelle momento percorrido as veias.

— De maneira que acceitae a minha companhia, não é verdade? — continuou Naldi. — Reparem que não quero — e n'esta expressão «não quero» vibrou toda a sua energia — que isto fique apenas n'um *pour-parler*. Iremos sem falta. Nós dois somos d'aquelles que não tem medo.

Albrida approvou simplesmente com um aceno da cabeça e Bianchi exclamou rindo:

— Tanto melhor... Escreverás as tuas impressões, não? Fico esperando uma novela.

— Tudo é possivel — respondeu Naldi, n'um tom de voz indifferente.

* * *

A novela tragica andava dias depois na chronica dos jornaes. Os dois alpinistas, partindo de Valtournanche, haviam-se encaminhado para o Giomein. Albrida ostentava uma expansividade a que o seu companheiro oppunha um mutismo sombrio. Apenas algumas palavras de vez em quando. O dia estava esplendido: a subida, a principio, foi deliciosa. O cume do

Cervino, agudo, esplendente, ressaltando no azul, tinha reflexos deslumbrantes.

— Ali está onde eu queria chegar! — disse Albrida apontando para lá. — Não sentes, olhando-a aqui, a illusão de que n'aquelle pico ha só espaço para poisar um pé? Parece o pedestal dum monumento phantastico. Falta um anjo, que se libe sobre elle, d'azas abertas.

Naldi parára a contemplar, aquella especie de corno de gêlo.

— O anjo lá está — disse. — Vejo-o muito bem. É o anjo da morte.

Albrida fixou-o de modo que queria dizer:

— Bella imagem! Como se fosse preciso frio, nestas alturas!

Tinham partido ás quatro da manhã de Valtournanche. Chegaram á estalagem do Giomein cerca das sete e almoçaram com appetite: uma chavena de optimo leite duma fragrança que não conhecem aquelles que nunca subiram ás alturas alpinas; pão com manteiga e mel e chocolate. Naldi encerrou-se no seu quarto, onde escreveu muitas cartas; Albrida ficou na sala de leitura, a conversar com outros alpinistas.

— Até onde irão?

— O mais alto possivel.

— Unidos de bons guias, naturalmente.

— Não, não; nenhum guia. A montanha conhece-nos.

É punha nestas palavras um accento de segurança tão natural que nada tinha de bravata.

Foi na manhã seguinte, á mesma hora a que haviam partido de Valtournanche, que largaram pela ingrime ladeira. O cume fôra-se a pouco e pouco escondendo aos seus olhares; a pouco e pouco o valle desaparecia tambem por defraz dos cabeços, para reaparecer de vez

em quando com as suas florestas ondeantes e os seus labirintos tortuosos. Naldi parava a cada aberta, a cada descanso, para olhar o caminho andado e tomava notas na carteira. Assim chegaram á orla inferior do glaciario. Uma crista resplandecente se erguia deante d'elles: foi preciso rodear-lhe a base por largo espaço e subir depois, ficando no gêlo os paus ferrados.

Tinham chegado, após ingentes esforços de duas horas, ao alto dum rochedo. O sol frio dardejava no ar, pondo na atmospherá um fremito mysterioso, um ondeamento vivo.

— Não te parece — perguntou Naldi voltando-se para o companheiro — que um duello aqui, entre dois homens que puzeram a sua felicidade na conquista da mesma mulher, terá um atractivo singular?

— Não tenho armas — gritou Albrida, tomado de subito terror, apertando convulsivamente o pau ferrado.

— Nem eu! — replicou Naldi, com um sorriso indefinivel. — O proprio alpenstock é inutil. Bastam os braços. Uma lucta corpo a corpo. Vejamos qual de nós dois deve precipitar-se no abysmo...

E juntando a acção ás palavras, deitou fóra o pau e lançou-se sobre o companheiro. Albrida oscillou, tentou subtrahir-se ao assalto; mas sentiu-se apertado pelos hombros numa tenaz formidavel. Confundiram-se enroscados os dois corpos, rolaram no gêlo, desapareceram...

A' noite debalde esperaram no Giomein o seu regresso. Partiu na manhã seguinte uma esquadra de guias a procurá-los. Foram encontrados no fundo d'um covão, esmigalhados contra um bloco de gêlo.

A carteira de Naldi revelou o mysterioso drama que se desenrolára na solidão

Ildebrando Bencivenni.

Ninharias

Escritas

Descanse o leitor que não se trata das commerciaes, embora sejam essas as mais saborosas... quando mencionam credito. Mas falando muito á puridade, sem desta sermos escrivães, que da imprensa o somos, trata-se de brincar com uma palavra, dando todavia, alguma ideia bela. «Escrito de obrigação» vem a ser estas primeiras palavras, que constítuem na de alguma coisa util fazer, como brincando, e não em brincada escrita, que ao passa-la á imprensa não verão a minha caligrafia.

Se tivéssemos de tratar, eu e os leitores, de assuntos escripturísticos, poder-lhes hia citar com o meu Vieira «aquella escriptura fatal de Balfazar.» Mas para brincos des-

ta natureza antes o idilio do nome «que escrito no peito», como um escriptorio tenho. E para mim, que boa fé dão de seus amores os que pela cortiça das arvores, ou nos veios de pedra, os nomes escrevem do objecto amado. Não fica escriptorio secreto, o que fazem dos seus intimos sentimentos...

Mas se Cadmo inventou o escrever, e os fenicios nos trouxeram a arte da escrita, não no sei; cumpri-la sim, e nisso me entretenho, conjugando o escrever em todos os tempos, que se bem que o futuro a Deus pertence, creio me não negará no ceu, em seu louvor, faze-lo algumas vezes.

Numa coisa me não iludo, e é no merito que possa ter tão desenfastiada escrita. Não tento merecer a Cruz de ouro da Academia de Sciencias, como o sr. Cabreira, nem sequer a comenda de Sant'Iago, como o sr. Patricio.

Escritor, eu?!... os leitores dirão simplesmente, escripturador, e acertam.

Travessia do Atlantico



Lisboa — Edifício onde se encontra instalada a Nunciatura Apostolica. — O Tejo visto do palacio da Nunciatura



O aviador americano Read ao ser condecorado com a medalha da cidade de Lisboa.



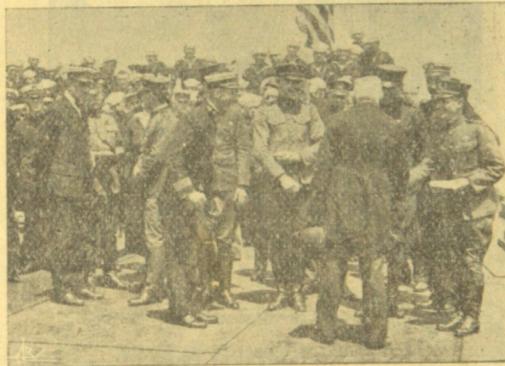
O ministro da guerra cumprimentando o aviador Read.



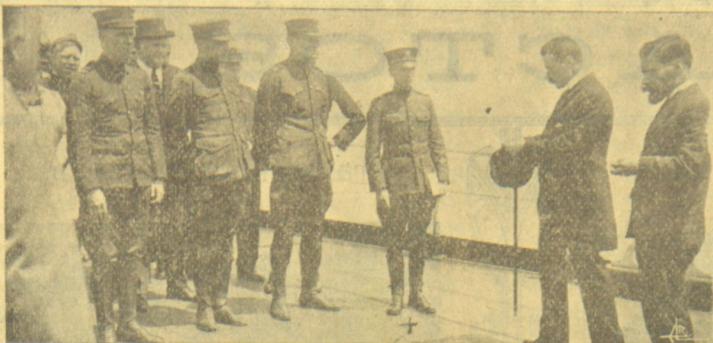
Read dançando epoz a sua chegada.



Read envolvido na bandeira portugueza por ocasião da sua visita ao centro da aviação.

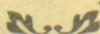


A bordo d'um lança minas americano — Os cumprimentos.



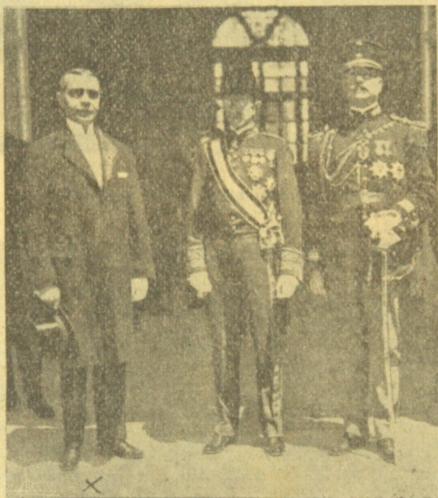
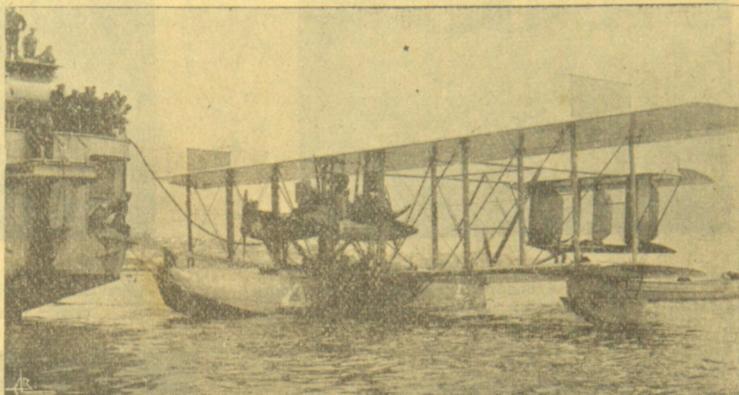
1) O presidente da Camara Municipal de Lisboa, lendo o discurso de boas-vindas.

× Read e os seus companheiros.

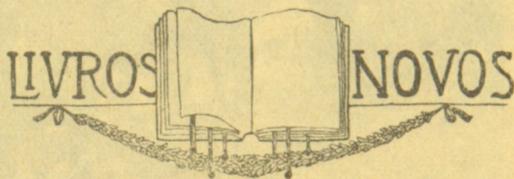


2) O hidro-avião N.º C 4 que fez a travessia do Atlantico.

Phof. Franco.



Madrid — × O novo ministro de Portugal, Dr. Francisco Couceiro da Costa, ao sair do palacio real apoz a entrega das credencias.



Post exilium

O snr. Padre Guilherme d'Oliveira publicou o anno passado um livro intitulado *Post exilium* que foi a oração gratulatoria pelo ultimo regresso do Ex.^{mº} e Rev.^{mº} Snr. D. Antonio Barroso á sua diocese do Porto recitada na igreja parochial de S. Thiago de Lobão, concelho de Faria, na Oitava do Natal de 1917. Agradecemos penhorada esta oferta.

Junta Patriotica do Norte

Sinopse da sua obra

20 — III — 1919. 30 — IX 1918.

Agradecemos a oferta do volume desta elegante obra, artisticamente impressa.



França — A Galeria das Batalhas.

uma galeria dedicada ao deus dos combates. Ao longo das paredes destacam-se oitenta bustos que representam os mais celebres generaes da França e detraz dêstes estão pinturas que recordam as glorias bélicas dos exercitos francezes, desde o tempo mais anligo até á epoca moderna; dêse Carlos Magno até a Bonaparte. Os quadros das guerras napolionicas, representando ao vivo as victorias de Anterlitz, Jena, Friedland, Rívoli e Wagram são notabilissimos.

Esta galeria, como outras do palacio, não está considerada precisamente na qualidade de museu artistico, mas sim como exposição historica, creada para despertar o patriotismo da juventude franceza e estimular o amor ás glorias do seu paiz, com o exemplo

Este palacio foi edificado pelo rei Luiz XIII, embelezado e reformado por Luiz XIV custando a sua luxuosa construcção muitos milhões de francos.

Empregaram-se nestes trabalhos milhares de homens e animaes de carga.

Voltaire chamou-lhe «O abismo dos gatos». Morreram lá Luiz XIV e o seu successor Luiz XV.

Mais tarde serviu de habitação ao infornado Luiz XVI e á sua familia. Ahi começou o seu martirio, quando a turba faminta os foi buscar e os levou para Paris, chamando-lhe, ao rei «O Padeiro»; á rainha «A Padeira»; e ao Delfim «O criado da padaria».

Desde então o palacio de Versalhes não voltou a ser habitado.

Guarda muitas reliquias interessantes e tem sumptuosas galerias de pintura.

*

A parte do palacio mais digna de admiração e mais interessante é a *Galeria das Batalhas*. O salão mede 135 metros de comprimento e recebe luz zenital d'um tecto de cristaes montados em ferro.

É como o seu nome indica,

ploma das proezas heroicas e immortalizadas ali pela arte da plastica e da pintura.

A todas as recordações historicas ligadas ao palacio de Versalhes, ha a juntar, a da Conferencia da Paz celebrada ali este anno, e a data de 28 de junho de 1919 dia em que os allemães pelas 3 horas da tarde, assignaram na galeria dos espelhos o tratado da paz apresentado pela mesma conferencia e que veio pôr termo á mais tremenda guerra mundial.



França — O palacio de Versalhes, onde foi assignada a paz.



o que celebrou a Missa o Rev.^{mo} Bispo de Madrid-Alcalá. O Santíssimo Sacramento foi conduzido processionalmente d'ali ao santuario de N. S. dos Anjos.

O monumento de que reproduzimos a fotografia é bello, e alcança 40 metros de altura. Os lados são occupados por grupos esculptoricos que correspondem a estas ideias: Humanidade santificada, Humanidade que deve santificar-se. Ao centro da base um grupo de anjos ergue o escudo da Hespanha, e surge em baixo relevo um medallhão da Virgem Imaculada.

A colossal imagem do Sagrado Coração é, sobre todo o monumento notavel. É bem Jesus, na simplicidade e magestade da sua prêgação á Humanidade que o artista conseguiu fixar na dôce expressão como estende o braço esquerdo para acolhel-la, enquanto com a mão direita a abençoa.

Consagração da Hespanha ao Coração de Jesus

O país visinho acaba de inscrever mais uma página gloriosa nos seus anais de nação catolica com o consagrar-se ao S. Coração, e inaugurar um monumento no Cerro de los Angeles, o centro geografico da Peninsula. Foi grandiosa a manifestação, levada a feliz termo no dia 30 de Maio, em que a Igreja celebra S. Fernando, rei de Castella e de Leão, e foi digna da Pessoa adoravel em cuja honra se realizou. Não só o Rei de Hespanha quis pessoalmente lêr a formula da consagração mas tambem o governo e autoridades deram com a sua presença todo o caracter nacional a este acto.

O monumento foi benzido solenemente pelo Nuncio de S. Santidade, Mons. Ragonesi, após



Hespanha — 1) O monumento nacional ao S. Coração de Jesus, que foi inaugurado solenemente no dia 30 de Maio ultimo, no Cerro de los Angeles. — 2) Alfonso XIII lendo o acto de consagração da Hespanha ao Coração de Jesus.



A igreja de Santo Antonio em Paris



Velho assumpto

Amor... Doce palavra já tão velha
Que nós balbuciamos commovidos...
Tão velhinha, e deixando nos ouvidos
A mesma louca, divinal, scentelha

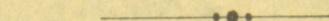
Meiga canção nostalgica, assemelha
Os sons d'um'harpa-eolia desprendidos.
Tão curta... e nos seus traços doloridos
Que os poemas imortaes espelha!

Nome tão breve... E n'um extenso idioma,
Nós não sabemos traduzir o arôma'
Que nos perturba ouvidos-o pronunciar.

Amor... A forma esplendida e bizerra
D'uma ideal, phantastica guitarra
N'uma só corda a rit e a soluçar!

Terra d'Entre-Douro-e-Minho,
no mez d'Abril. MCMXIX.

Jayme de Sampaio.



Salvé Rainha

Sempre — salve Rainha — é que eu direi;
Foi minha sancta Mãe quem me ensinou
Este culto universal que, nem sei,
Mas pelo mundo todo germinou.

O poeta d'immortal te celebrou,
No marmoreo slabastro te encontrei
E, por fim, todo o crente te louvou
N'um hosana catholico da grei.

Pondo os olhos no teu olhar jucundo
E, prostrado, te canto emfim tambem
Com este meu mais puro amor profundo

Pedindo p'ra meus males só um bem;
Quando eu cerrar os olhos n'este mundo
Abre-mos tu no outro — Virgem-mãe —.

8-11-901.

Valerio.



LXXIX

Heresias patuscas.

ASSUMPTO novo e bem ameno! *O portet haereses* esses... é preciso que haja heresias, para que os fieis tenham exemplo dos abyssos em que se precipita o orgulho humano, quando se aparta da plena submissão á Egreja, depositaria fiel das verdades sublimes reveladas por Deus.

Nêstes serões não vou embrenhar os leitores na selva escura das heresias theologicas, adormecendo-os ahi, entre subtilezas que agitaram as almas a travez dos seculos, e que hoje, catalogadas nos tratados especiaes, apenas fazem meditar os pensadores sobre as fraquezas do espirito humano. Se a historia da philosophia, como se disse, é a historia das aberrações do espirito do homem; se não ha erro, por mais estranho, que não tenha occorrido ao espirito de algum philosopho — que triste sudario não é o catalogo das heresias que teem brotado, como excrecencias parasitarias no tronço vinte vezes secular da arvore christa!

D'essa flôra estranha vamos colher, aqui e além, os exemplares mais patuscos.

Não focaremos, nem de leve, nas heresias magnas, e seriissimas, que ao longo dos seculos algumas vezes pareceram prestes a desmentir a promessa de Jesus Christo, *non praevalerunt!*... Nem esta secção se compadece com as dimensões que tal exposição, inda que summaria, exigiria; nem esses assumptos primam pela amenidade. Quanto sangue de martyres! Quantas angustias de santos! Quantas almas de transviados, esses erros custaram!

Vamos recordar, apenas, os erros que hoje nos fazem só sorrir, passando amenamente alguns serões preparatorios de bons somnos. Ao sairmos da visita a este manicomio do passado, sentiremos suavissimo conforto verificando que existe hoje como ha vinte seculos, no meio dos homens, a mestra infallível que Deus instituiu para não cairmos, nem nos tragicos erros d'uns, nem nas comicas loucuras de outros...

Para compilar estes serões com alguma ordem não fiz mais do que percorrer um dicionario de heresias, dos muitos que ha. Por não ter outro á mão, servi-me do de Pluquet, já velhinho, em dois volumes, publicado em Paris, em 1766, resumindo quanto possivel as noticias.

Para as heresias mais modernas veremos outros.

ABECEDARIOS. — Uns figurões derivados da seita anabaptista sustentavam que para a gente se salvar era preciso não saber ler, nem escrever, nem conhecer sequer as primeiras letras do alphabeto! D'ahi o nome. Como Lutero rejeitara a auctoridade da Egreja e a tradição dos Santos Padres, estabelecendo que cada fiel era juiz sufficiente do sentido das Escripturas.

Stork, seu discipulo, foi mais adeante. *Asneira puxa asneira* — traduziu Camillo o *abyssus, abyssum*... Stork ensinou, pois, que cada fiel podia entender a Escriptura tão bem como os doutores porque era o proprio Deus que nos instrua: que o estudo nos impedia de atender bem á voz de Deus, e que o unico meio de evitar essas distracções era não aprender a ler! — Carlostadt, abraçando esta doutrina, renunciou á Universidade e ao grau e fez-se carrejão, chrismando-se em *Frey André!* Espalhou-se muito esta seita na Allemanha. Outros herejes, como os *Gnosimacos* e os *Cornificianos*, fizeram tambem da ignorancia virtude christã! Que tal, para entrada!?

ABELONITAS. — Estes foram camponezes da diocese de Hippona, norte d'África, onde foi bispo Santo Agostinho. Deu-lhes para venerar Abel — d'onde o nome — ensinando que era preciso casar, como elle, mas não usar do matrimonio. Maridos e mulheres viviam juntos, mas professando continencia, adoptando filhos dos outros — um ou uma a quem legavam o que tinham!

ABYSSINIOS. — Houve entre os abyssinios uma seita, cujos adeptos, em vez de se confessarem ao sacerdote, confessavam-se todos os annos deante de um incensorio onde queimavam incenso! Outros confessavam-se ao padre, e ao metropolitã. Mas quando confessavam algum peccado graúdo o metropolitã levantava-se do confissionario, reprehendia-o e chamava lictores que desancavam o penitente. Até que os fieis presentes na egreja accorriam pedindo perdão para o desgraçado, que era então absolvido. Compare-se isto com a majestade do santissimo e consolantissimo sacramento da Penitencia na Egreja Catholica!

(O auctor conta, a proposito, o que os Portuguezes fizeram na Abyssinia).

(Continúa.)

Anecdotas • históricas

Ditos • e • pensamentos

O carneiro Legendre

Lanjuinais, um dos raros girondinos que estavam na sessão da Convenção de 2 de junho de 1793, ouvindo tocar a reunir, falou contra a anarchia que ensanguentava Paris e denunciou de rebelde a Comuna. Legendre, que era carneiro, bradou a Lanjuinais, com um gesto que lembrava a sua profissão:

— Desce d'ahi, ou matote!

— Vê se decretas que eu seja um boi e poderás matar-me.

Respondeu o intrepido bretão.

Sentença heroica

A discussão dos artigos da Constituição de 93 no tocante ás relações com as potencias estrangeiras, deu azo a uma sentença heroica que se tornou famosa. Foi proposto o artigo seguinte: «O povo francez não faz pazes com o inimigo que ocupa o seu territorio».

Um deputado disse:

— Fizestes então algum pacto com a victoria?

O montanhez Bazire replicou:

— Fizemo-lo com a morte!

Rainha e mãe

Quando, na Tribuna Revolucionaria, Hébert ousou acusar Maria Antonietta de ter depravado os costumes de seu filho ainda menino, a rainha teve um grito de mãe verdadeiramente sublime:

— Apello para todas as mães!

Disse voltada para o auditorio. Houve um frémito de indignação e o infame Hébert calou-se.

Um bandido

Callot d'Herbois, representante da Convenção em Lyão e a esta cidade enviado para a arrazar por se ter pronunciado pelos girondinos, escreveu:

A justiça republicana deve fulminar os traidores como o raio e reduzir tudo a cinzas. As demolições são muito demoradas. A explosão da mina, a actividade devoradora das chamas

podem só exprimir a omnipotencia do povo: a sua vontade deve ser o efeito do trovão! A justiça dum povo inteiro deve fulminar todos os seus inimigos ao mesmo tempo!

Uns faciosos!

Quando da morte dos girondinos, Danton convalescia em casa de sua mãe, em Arcis-sur-Aube. Chorou ao darem-lhe a noticia.

— Eram uns faciosos!

Disse o individuo que levava a triste nova.

— Uns faciosos! — exclamou elle — sim, como nós! merecemos todos a morte tanto como elles, e todos havemos de ter a mesma sorte!

Os amigos de Camillo

Camillo Desmoullins foi atacado no club dos Jacobinos por ter dito por occasião da condenação dos vinte e dois girondinos: «Morreram como verdadeiros republicanos!»

Camillo respondeu:

— De sessenta pessoas que assignaram as escripturas do meu casamento restam-me apenas dois amigos, Robespierre e Danton. Todos os outros emigraram ou morreram no patibulo. Pertenciam a este numero sete dos vinte e dois.

Ante estas palavras que resumiam tão tragicamente a marcha devoradora da Revolução todos ficaram aterrados.

A liberdade

Em fins do anno de 1793, Camillo Desmoullins escrevia no seu jornal, *Velho Cordelier*:

— Reconhece-se que o estado presente não é o da liberdade, mas dizem-nos que tenhamos paciencia, que seremos livres um dia. Imaginam por ventura que a liberdade precisa, como a infancia, de atravessar uma epoca de gemidos e de lagrimas para chegar á idade madura? A liberdade não tem velhice nem infancia. A liberdade não é uma cantora de Opera passeiando processionalmente com um gorro vermelho na cabeça: a liberdade é a felicidade, é a razão, é a egualdade, é a justiça, é a Declaração dos Direitos do homem!

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapeuta *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grèves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:
C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha
Largo do Barão de S. Martinha—BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binóculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

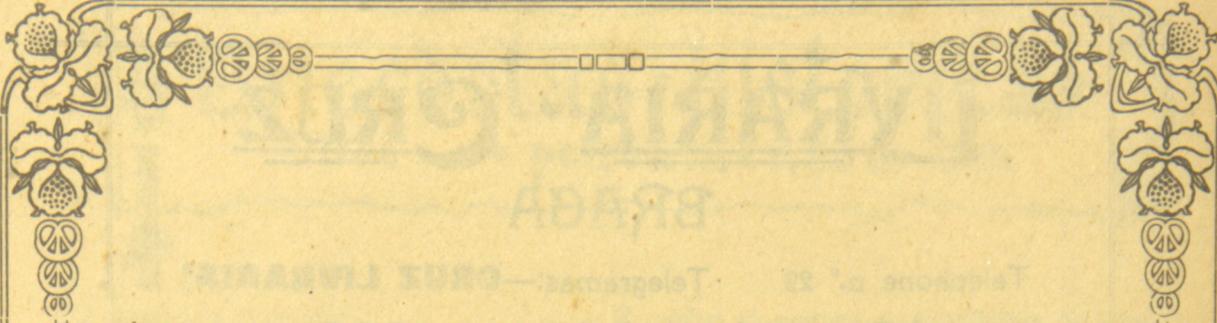
Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

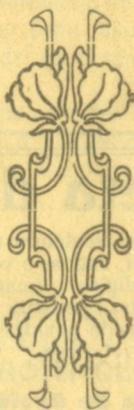


Assignem o

DIARIO DO MINHO

FOLHA DA MANHÃ

BRAGA



Jornal catholico
de indole regio-
nalista. Esmera-
do criterio e lar-
ga informação.

